

Mudança sintática e sufixos latinos

Miriam Lemle*

Resumo – O objetivo deste estudo é ver em que medida o parentesco etimológico tem correspondência com semelhança gramatical. São analisadas palavras derivadas diacronicamente a partir das raízes latinas VEN e VERT. O modelo teórico adotado é o da Morfologia Distribuída, do qual é feita a descrição e dadas as principais justificativas. Os resultados mostram que no decurso entre latim e português ocorreram refatiamentos das peças vocabulares, o que resultou em cisão de raízes. A mudança na segmentação das peças geralmente é acompanhada de mudança semântica. Também se encontram casos em que a sintaxe dos dois estágios difere, porém a semântica da palavra no estágio contemporâneo replica a do estágio ancestral, fazendo isso via leitura na Enciclopédia. Estes resultados condizem com as expectativas da teoria.

Palavras-chave – Morfologia distribuída. Arbitrariedade saussureana. Leitura composicional em Forma Lógica. Mudança por ressegmentação.

Introdução

Até que ponto a etimologia das palavras e a sintaxe da língua mantêm conexão? Dados documentais da língua, desde o latim até o português, nos permitem conhecer a gramática do latim e saber qual era a forma de origem do vocabulário da língua portuguesa. A pergunta, portanto, deve ser feita: palavras que eram relacionadas entre si na língua de há mais de dois milênios continuam possuindo conexões semelhantes dentro da gramática do português de nossos dias?

Responder a esta pergunta é o propósito deste artigo. A pergunta tem certo interesse para a teoria lingüística que estarei assumindo, conforme ficará claro no decorrer do estudo.

* Do Departamento de Lingüística da UFRJ. E-mail: miriamlemle@gmail.com.

1. A teoria da Morfologia Distribuída

1.1. O modelo

Na teoria da Morfologia Distribuída (MARANTZ, 1997, 1999, 2001) a arquitetura da gramática divide as tarefas da seguinte maneira. A computação sintática – *juntar traços* e *mover traços* – opera, por fases, com dois tipos de unidades: *traços* de natureza sintático-semântica, destituídos de contraparte fonológica, e *posições ocas*, previstas para receberem posteriormente a inserção de *raízes*. A computação sintática opera por fases, demarcadas por traços categorizadores. Ao final de cada fase, esses traços sem fonologia são implementados por *Peças do Vocabulário* (raízes, prefixos, sufixos e marcas de concordância). As Peças do Vocabulário possuem forma fonológica, que pode ser *zero*, e também traços morfossintáticos de natureza idêntica aos que entraram pela sintaxe.

A diferença crucial entre a teoria da Morfologia Distribuída (MD) e as teorias lexicalistas é esta: na MD os traços sintático-semânticos que entram na computação sintática não são acoplados desde o início com traços fonológicos, ao passo que nas teorias lexicalistas as unidades lexicais que são o *input* da sintaxe são dotadas de traços fonológicos, traços semânticos e traços formais desde o início da derivação (desde a numeração, na teoria minimalista).

Pertencentes a uma primeira Lista – *Lista Um* – os *traços* de natureza sintático-semântica e as *posições ocas* são concatenados pela operação *Juntar* (*Merge*), a única operação gerativa, que forma a estrutura hierárquica típica das árvores que representam a estrutura sintática. Esses traços podem se *Mover* para junto de outros, do que resulta a montagem de

feixes de traços (feature bundles). Essa computação com os elementos da Lista Um se dá fase a fase, onde cada nova fase é iniciada pelo *merge* de um novo traço categorizador. O encerramento de uma fase é denominado *Spell-Out*, porque consiste na conexão entre o material sem som sintaticamente computado e os módulos interpretativos: de um lado, a lista de Peças do Vocabulário e a Fonologia, e do outro a semântica.

A lista de Peças do Vocabulário é uma segunda lista, separada da Lista Um. As Peças de Vocabulário são segmentos morfológicos dotados de traços semântico-sintáticos e substância fônica. Há dois tipos de Peças do Vocabulário: raízes, como por exemplo *ven* em {[*ven*]ir, de onde se derivará fonologicamente *vir*, e peças funcionais, como o verbalizador *-iz-* em *modernizar*, o tempo passado *-v* em *modernizava* e o adjetivador *-os-* em *famoso*.

Em *Spell-Out*, a cada fase, as Peças do Vocabulário, que têm forma fonológica, são inseridas na estrutura de traços gerada na sintaxe, dando-lhe, assim, realização fonológica. A operação de preenchimento dos traços semântico-sintáticos com Peças do Vocabulário compatíveis é denominada *Inserção Lexical* ou *Inserção de Vocabulário*. Assim, neste modelo, a Inserção Lexical é separada da computação sintática, e é tardia, pois é posterior à sintaxe. A condição que licencia a inserção de uma Peça do Vocabulário numa dada posição da estrutura sintática é que ela tenha ou todos os traços semântico-sintáticos idênticos aos provenientes da estrutura sintática, ou um subconjunto deles.

Depois da Inserção Lexical, pós-sintaticamente portanto, acontecem do lado da morfofonologia operações morfológicas e operações fonológicas, que atuam respectivamente sobre as duas espécies de traços das Peças do Vocabulário: traços morfossintáticos podem ser contextualmente

afetados – copiados (concordâncias), cancelados ou deslocados – e traços fonológicos podem ser alterados por assimilações, subtrações e acréscimos de traços fonológicos ou mesmo de sílabas.

Acontece também, depois da Inserção de Vocabulário, do lado da semântica, o envio dos traços semântico-sintáticos para o componente (ou módulo) semântico, que os interpreta. O *merge* do primeiro traço categorizador que se junta à Raiz tem uma característica muito especial: a estrutura [Raiz + Categorizador] resultante da Inserção dessas duas peças é enviada para a *Enciclopédia*, a terceira Lista neste modelo (*Lista Três*). Entende-se por traços ou morfemas categorizadores os que, juntados a uma RAIZ, são os responsáveis por criarem um verbo (**vir**), um nome (**desventura**), ou um adjetivo (**eventual**), denominados no jargão, respectivamente, *vêzinho* (*little-v*), *enezinho* (*little-n*), *azinho* (*little-a*).

A Enciclopédia fornece *a parte convencionalizada da leitura semântica*. Dizer que uma leitura é convencionalizada equivale a dizer que é *idiossincrática*. A Enciclopédia é, pois, a sede da *arbitrariedade saussureana*. O ponto em que ocorre a negociação da arbitrariedade saussureana está restrito ao da concatenação da raiz com o primeiro morfema categorizador.

Depois da negociação semântica feita na Enciclopédia por ocasião do *merge* do primeiro traço categorizador, todos os *merges* subseqüentes de categorizadores provindos da Lista Um, que vão sendo juntados mais em cima (considerando o diagrama em árvore), são lidos composicionalmente na Forma Lógica, que dá a interpretação da parte regular do *output* da sintaxe. Essa leitura composicional vai se conectar à descrição semântica idiossincrática dada pela Enciclopédia ao constituinte, formado pelo *merge* da raiz com o primeiro categorizador. Com a conexão da leitura idiossincrática proveniente da Enciclopédia com as leituras dadas na Forma

Lógica, fase a fase, se realiza a integração entre a informação idiomática dada pela Enciclopédia e a interpretação regular com que a Forma Lógica lê a cadeia sintática.

Por exemplo, o significado de *modernização* depende da convenção negociada para o significado do adjetivo *moderno* – “de acordo com idéias e gostos contemporâneos”. Esta informação idiossincrática é aplicada ao *merge* da raiz com o traço adjetivador, na Enciclopédia. Porém, uma vez convencionado o significado do adjetivo *moderno*, o significado do verbo *modernizar*, “tornar moderno” e o do nome *modernização* “resultado do ato de tornar moderno” serão derivados de forma composicional, nas fases seguintes, pela conexão regular entre a informação sobre o que é *moderno* proveniente da Enciclopédia e a fornecida em Forma Lógica pela leitura das contribuições dos traços subseqüentemente juntados: primeiro, incorpora-se a *moderno* a contribuição do traço verbalizador presente em *-iz-*, obtendo o significado de *modernizar*, e depois, incorpora-se a *modernizar* a contribuição do traço nominalizador presente em *-ção*, obtendo o significado de *modernização*.

1.2 Os porquês deste modelo

As razões que levaram os pioneiros da MD – Morris Halle e Alec Marantz – a propor este modelo de gramática mais modular do que o lexicalista dizem respeito à diversidade que as línguas exibem no mapeamento entre traços semântico-sintáticos da Lista Um e Peças do Vocabulário (Lista Dois), por um lado, e entre Peças do Vocabulário e suas leituras na Enciclopédia pelo outro. É que nem sempre o mapeamento entre os traços da Lista Um e as Peças do Vocabulário a serem inseridas depois da computação feita com traços é de um para um. E muitas vezes é muito diferente, entre diferentes

línguas, a leitura idiomática dada pela Enciclopédia para seqüências de Raiz + sufixo e para seqüências de palavras que teriam leituras iguais se a Enciclopédia fosse universal.

Consideremos as diversas possibilidades de mapeamento entre unidades da Lista Um e peças vocabulares da Dois. Um mapeamento bem simples, quase de um para um, entre Traços semântico-sintáticos e Peças de Vocabulário que coincidentemente são unidades fonológicas é o que temos em “muito bem”, “até sábado”, “não sempre”, “parabéns pra você”.

Um caso um pouco diferente, ainda com isomorfismo entre traços da sintaxe e peças de vocabulário vemos em “né”, “daquilo”, “deste”, “nisso”, “pro”, “n’água”, “cortei-me”: relação de um para um entre traços e peças vocabulares, havendo, porém, além disso, deslocamento fonológico – cliticização – de uma peça vocabular, com conseqüente desencontro entre peças de vocabulário e unidades da fonologia. A afixação do ‘s possessivo em inglês cai neste grupo, considerando que em “*the king of England’s crown*” o possuidor é “*king of England,*” mas na segmentação fonológica a peça vocabular ‘s demarcadora do possuidor se apóia na última palavra, *England,* neste exemplo.

Uma correspondência que é o padrão mais regular de mapeamento sintaxe-vocabulário, quando as Peças Vocabulares são afixos, provém do fato de que os traços implementados por inserção de *afixo* – uma propriedade de natureza fonológica – se deslocam de núcleo a núcleo, não mais na Sintaxe mas sim na Morfologia. O deslocamento na Morfologia se dá fase a fase, sucessivamente, até que entre um afixo com a propriedade de [fechar palavra fonológica]. Se os afixos são sufixos, terminam por ficarem ordenados numa sucessão que reflete linearmente, da esquerda para a direita, a ordem de cima para baixo dos traços na árvore

sintática. Esta correspondência entre sintaxe e morfologia é denominada espelhamento (*mirror principle*).

Por exemplo, vejamos como se derivam as palavras *modernizávamos* e *amplificaram*. A primeira fase deverá formar os adjetivos *moderno* e *ampl*, uma vez que, neste caso, os adjetivos entram na composição dos verbos. O mecanismo para formar os adjetivos é juntar na sintaxe um traço adjetivador (abreviado com a letra *a*) a uma raiz. Nestes dois exemplos, a peça vocabular inserida que implementa o traço adjetivador é fonologicamente nula, e as raízes são *modern* e *ampl*. A derivação já tem a matéria prima necessária para ser enviada à Enciclopédia para negociar a semântica e à fonologia para as instruções sobre realização fonética. O que se vê na Figura 1 é a árvore sintática já com a inserção das peças vocabulares que implementam Raiz e afixo:

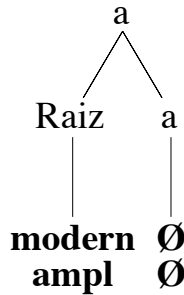


Figura 1

O adjetivo requer um argumento, e por isso a fase do adjetivo ganha um DP em seu especificador, desenhado na Figura 2. A derivação na fase de *a* inclui, na morfologia, a inserção das raízes e do sufixo, que com estas raízes é um \emptyset . Na Figura 2 se pode ver a derivação até que desemboca nos verbos. A segunda fase da sintaxe junta um verbalizador (*v*), e a terceira junta o tempo (*T*) (imperfeito e perfeito, respectivamente).

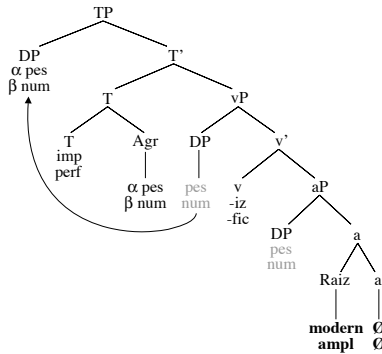


Figura 2 -

Nesta estrutura, os núcleos gramaticais são **a**, **v** e **T**. O **v** acolherá os sufixos **-iz** e **-fic**, e, por serem sufixos, eles atraem o adjetivo. Ao migrar para **v**, o adjetivo obriga o seu especificador a subir para especificador de **v**. Assim, o **DP** irmão do **v'** representa o argumento externo do verbo, isto é, o seu sujeito, na fase do **v**, proveniente por deslocamento sintático da posição de irmão de **a**. Na terceira fase, **a** do **T**, são inseridos os afixos temporais, que são sufixos, e por isso atraem o **v**, que sobe para **T**, e faz por isso migrar mais uma vez o **DP** até especificador de **T**. O nó **T** requer traços de *pessoa* e *número*, e é da operação de copiá-los de especificador de **T** que provém a morfologia da concordância do verbo. Esta estrutura, à medida que vão entrando os traços **v** e **T**, é lida semanticamente em Forma Lógica, uma leitura que não leva em conta Raízes e não depende da implementação vocabular dos traços. Depois de cada *merge* sintático de traços **a**, **v**, e **T**, os morfemas funcionais que categorizam o composto, acontece a inserção de Peças Vocabulares, e é a vez de remeter, fase a fase, a estrutura para os dois componentes que lidam com ela: a Enciclopédia e a Morfologia. A inserção de Peças de Vocabulário e a remessa para a Enciclopédia é o

estágio da derivação mais semelhante ao que é chamado de *Spell-Out* na terminologia do minimalismo lexicalista de Chomsky. No entanto, em face da diferente arquitetura deste modelo, convém aposentar o termo *spell-out* e chamar este estágio da derivação de “inserção de vocabulário” e “remessa para a enciclopédia”.

O que acontece em **v** e em **T** quando a estrutura sintática já preenchida por peças vocabulares é enviada para a Enciclopédia para ser lida lá? Neste caso, a Enciclopédia deverá, em **v** e em **T**, conectar e compatibilizar as leituras em Forma Lógica na fase do vêzinho e na do **T** com as de Enciclopédia na fase em que negociou os adjetivos.

Na Figura 3 se pode ver a estrutura morfológica final dos verbos *modernizar* e *amplificar*. No primeiro deslocamento, o dos adjetivos, para junto do verbalizador, forma-se $[[\text{modern}+\text{a}] + \text{v}]$, seguido da subida do complexo resultante, $[[\text{modern}+\text{a}] + \text{v}]$, para $[\text{T}+\text{Agr}]$, que vai resultar em $[[[\text{modern}+\text{a}] + \text{v}] + [\text{T}+\text{Agr}]]$.

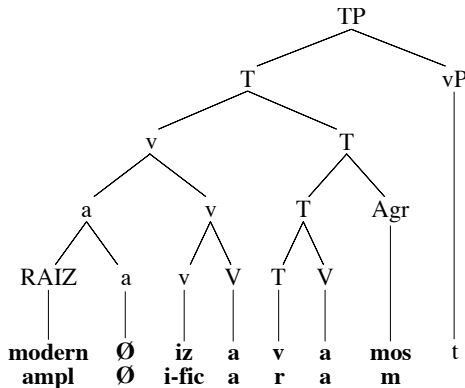


Figura 3 -

Na nova árvore, esquematizada na Figura 3, temos na última linha as Peças do Vocabulário todas já inseridas, ou seja,

-iz- e *-ific-* em *vêzinho* e *-v* e *-r* em *Tempo*, e vemos uma característica particular da sua fonologia: vogais temáticas (V), mero acabamento fonológico, que são /a/ nestes dois contextos.

Em português, as peças vocabulares com o feixe de traços de gênero e número são demarcadoras de fim de palavra.

É importante lembrar que a Enciclopédia já realizou seu serviço essencial na fase do *azinho*, ao fornecer o significado que se convencionou para “moderno” e o que se convencionou para “amplo”. O valor semântico do *vêzinho* e o do *Tempo* são lidos em Forma Lógica, mas precisam ser conectados à leitura dada na Enciclopédia para “moderno” e “amplo.” Por isso, a tarefa da Enciclopédia, ao ser acionada nas fases do *vêzinho* e do *Tempo*, não é fornecer uma nova convenção, mas apenas compor uma leitura que conecta e compatibiliza a leitura idiossincrática de “moderno” e “amplo” com as leituras em forma lógica dos traços *vêzinho*, *tempo* e concordância.

Há outros tipos de correspondências que apresentam variadas complicações na relação entre traços que entram na estrutura sintática e estrutura pós-sintática (morfológica). A princípio, queremos assumir que os traços da sintaxe, que entram na derivação de verbos a partir da Lista Um, sejam sempre os mesmos e sigam sempre o mesmo padrão ao serem juntados, independentemente de suas conjugações (isto é, vogais temáticas selecionadas pelas raízes e tempos), e independentemente também de se tratar de verbos “regulares” ou “irregulares”.

Por exemplo, tomemos o verbo *trazer*: como podemos relacionar a forma do presente com /g/, /*trago*/, as do presente com /z/, /*trazes*/, as do pretérito imperfeito com /z/, /*trazia*/, e as do pretérito perfeito com /s/, /*trouxe*/? Para garantir a desejada regularidade sintática, precisamos ir de uma sintaxe regular, que concatena [[Raiz+v]+T] para a morfologia irregular que trata de alomorfias e detalhes

fonológicos. Como lidaremos com as variantes de trazer? O dicionário etimológico nos informa que *trazer* provém do latim /*tracere*/, e temos a palavra *tracção* ainda em uso, embora infreqüente. Isto nos conduz a propor dois alomorfes, /*trac*/ e /*traz*/ para a raiz de *trazer*. Inserir /*trac*/ como raiz vai nos ajudar a derivar, por exemplo, *trouxemos* da estrutura morfológica (Figura 4), bem semelhante à que subjaz à da Figura 3.

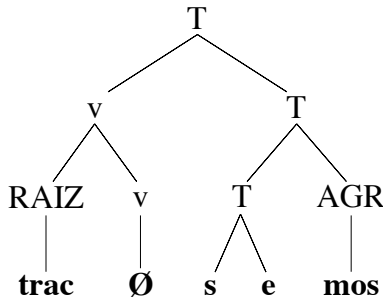


Figura 4 -

É preciso justificar a inserção da peça vocabular /s/ em Tempo, e dizer como, na fonologia, vamos expulsar da raiz o /k/ de /*trak*/ e mudar sua vogal [a] para [o]. Quanto ao /s/, perguntamos: constatam-se outras aparições desta peça observando pares de palavras cognatas? Vejamos:

- (i) ceder, cessão; proceder, processo; conceder, concessivo, concessão;
- (ii) percutir, percussão, percussionista; discutir, discussão; repercutir, repercussão;
- (iii) repreender, repreensão; compreender, compreensão, compreensivo;
- (iv) pender, pênsil, propenso; apender, apenso;
- (v) verter, versão, versátil; converter, converso, conversão, conversível; perverter, perverso, perversão;

- (vi) medir, agrimensor, imenso;
- (vii) imprimir, impresso, impressão, impressora; reprimir, repressivo, repressor; comprimir, compressa, compressor; deprimir, depressão; exprimir, expresso, expressão
- (viii) espargir, esparso;
- (ix) expandir, expansivo, expansão;
- (x) esconder, esconso;
- (xi) correr, curso, cursor; concorrer, concurso; recorrer, recurso; discorrer, discurso, discursivo; precursor
- (xii) agredir, agressor, agressivo, agressão; regredir, regressivo, regresso; progredir, progressivo, progresso.
- (xiii) acender, aceso
- (xiv) decidir, decisivo, decisão, indeciso

Em (i) a (xiv) vemos raízes terminadas em /d/, /t/, /m/, /g/ e /r/, em aparente alomorfia com alternantes terminadas em /s/. Porém esta alternância é totalmente descabida do ponto de vista fonológico. Isto nos conduz a procurar outra análise para o /s/. Note-se que as variantes com /s/ têm, no mais das vezes, um valor semântico de perfectividade bastante perceptível, como se pode conferir, considerando a semelhança semântica com participípios passados com valor adjetivo nas palavras *propenso*, *apenso*, *converso*, *imerso*, *perverso*, *esparso*, *esconso*, *aceso*, *compreensível*. Esta constatação semântica nos autoriza a dizer que o /s/ é uma peça vocabular implementadora do traço sintático [*perfectum*]. É por isso que há um /s/ sob T na árvore (Figura 4). Devemos ainda providenciar reajustes fonológicos para mudar /trac/ para /trou/, uma regra fonológica idiossincrática que é o menor preço que precisamos pagar para preservar a regularidade da sintaxe e jogar a irregularidade somente para a correspondência entre sintaxe e morfologia. A alternativa às regras de reajuste fonológico seria incluir *trazer* no grupo da supletividade, em que estão *ser* e *ir*, uma alternativa infiel aos fatos.

Mais um outro tipo de interface entre sintaxe e morfologia acontece com verbos como *fazer* e *dar*. Como daremos conta de *faz~fiz~fez*, *dou~dá~deu*? Vamos tomar a derivação de *fiz* como exemplo. Fiéis ao princípio da uniformidade da sintaxe, fazemos a derivação mais bem-comportada possível: começar juntando os traços que formam o verbo, como representado na Figura 5, onde a letra A em caixa alta indica que os traços fonológicos da vogal em fAz não são especificados:

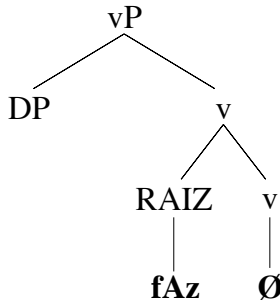


Figura 5 -

Em seguida entramos na fase de Tempo, juntando o traço T, em sua opção de perfectivo:

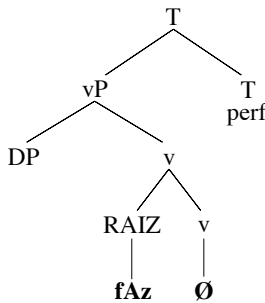


Figura 6 -

T precisa de Agr, a ser copiado do DP que sai do Spec de v para o Spec de T. Ver Figura 7, onde já está representada a inserção de afixos correspondentes a v, perfectivo, e Agr:

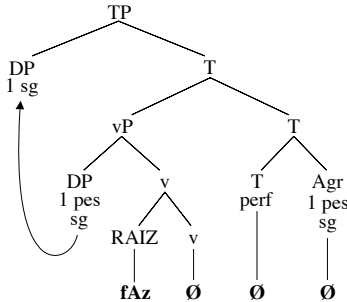


Figura 7

Com a subida de *fAz* para *v* e $[[fAz + v]]$ para *T*, a estrutura pós-sintática fica como na Figura 8. O que há de particular neste caso é a realização de /*fAz*/ como /*fiz*/ no contexto morfológico do feixe sufixal inteiro em T: $[[v] + [[perf] + [1\ sg]]]$.

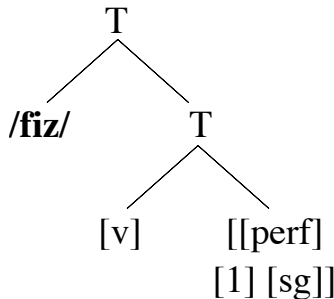


Figura 8 -

O último caso que vou comentar aqui é o das peças vocabulares chamadas *supletivas*: peças totalmente distintas em termos fonológicos porém iguais em seus traços funcio-

nais. Em português, *ir* e *ser* são verbos que têm a particularidade de reunirem um conjunto de peças de vocabulário com diferenças fonológicas de uma tal proporção que é impossível postular regras fonológicas que as relacionem a partir de raízes comuns. No caso de *ir*, há formas iniciadas com /i/, outras com /v/ e outras com /f/. Exemplos: *ir, indo, ido, ia, irá; vou, vai, vamos, vá, vão; fui, foi, fomos, fosse*. No de *ser*, há formas iniciadas com /s/, outras com /e/, outras com /f/. Exemplos: *sou, somos, sendo, sido; és, é, era, essência, ente, fui, foi, fosse*. Uma vez que o relacionamento entre as formas de cada conjunto não pode ser feito por intermédio de uma só raiz juntada a diferentes traços funcionais, com posteriores ajustes fonológicos, é preciso assumir que o fator compartilhado por cada conjunto é, em si, um traço funcional. A solução é recorrer a um vêzinho de tipo estativo para identificar a família de *ser* e um vêzinho eventivo para a de *ir*. Convençionemos representá-los, respectivamente, por v_{st} e v_{ev} . São estes traços que entram em *v* na sintaxe. Ao subirem para *T* na morfologia, formam feixe com *T + Agr*. Neste estágio da derivação, as peças vocabulares exemplificadas acima competem por inserção no feixe em *T*, e vence, de acordo com o princípio geral que guia a inserção de vocabulário, a peça especificada com o maior número de traços idênticos aos que foram juntados nas derivações sintática e morfológica, conforme se vê na Figura 9, em seguida.

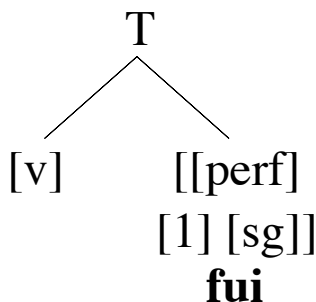


Figura 9 -

Resumindo: A motivação básica do modelo MD é resolver o mapeamento entre traços sintáticos e peças vocabulares considerando a diversidade que se verifica nesse mapeamento. A solução explorada se baseia em operar separadamente com traços e peças vocabulares. Assim, a computação sintática opera com traços desprovidos de fonologia. Depois da computação sintática feita somente com traços, peças vocabulares são inseridas e movidas para efetuar os ajustes morfológicos. A computação sintática faz entrar novos traços categorizadores por fases. A remessa para a Enciclopédia, que negocia a leitura arbitrária, ocorre quando uma raiz recebe o primeiro traço categorizador, e a partir daí todas as recategorizações subsequentes são composicionalmente lidas em Forma Lógica.

2. Exemplos de famílias de palavras

Vou mostrar alguns exemplos de famílias de palavras diacronicamente derivadas de uma mesma raiz latina. Esboçarei algumas derivações de palavras, explicitando o ponto em que tem lugar a parte da interpretação semântica da palavra que é idiossincrática, e as composições posteriores, se-

maticamente regulares, resultantes da introdução de novos traços categorizadores. Mencionarei também os reajustes fonológicos necessários para compatibilizar formas de entrada na fonologia e formas fonéticas das palavras. Tudo isto nos ajudará a ver o que no português persiste do latim e o que mudou, causando as propriedades específicas da língua que falamos hoje em dia.

2. 1 Família de palavras derivadas de *venire*

Como mero pano de fundo, lembremos as formas básicas do verbo *venire* em latim: *venio, veni, ventum*.

Dou a seguir o conjunto de formas verbais prefixadas que se conjugam tal como *vir* em português e o de formas nominais portadoras, etimologicamente, da mesma raiz.

Quadro 1

Prefixos	Formas Verbais	Formas Nominais
	venho, vens ... vindo, vir	bem-vindo, vinda, boas-vindas, vindouro, ventura
Pro	provenho, provéns, provindo, provir	proveniente, proveniência, proventos
Pre	prevenir	prevenção, preventivo
Com	convenho, convéns, convindo, convir, convencionar	convênio, conveniente, conveniência, convenção, convencional, convento
Ad	advém, advir, aventar	advento, adventista, aventura, bem-aventurado
Ex		evento, eventual, eventualidade
Des		desventura, desavença
Inter	intervenho intervéns, intervir	interveniente, interveniência, intervenção, interventor, interventor, intervencionista
Sub	subvencionar	subvenção
In	inventar	invento, invenção, inventor, invencionice

A teoria da MD nos aponta como metodologia de análise os seguintes preceitos:

- (1) admitir que o primeiro *merge* de raiz com categorizador recebe uma leitura idiossincrática;
- (2) identificar traços que dão contribuição semântica regular em relação a uma leitura inicialmente convencional;
- (3) fazer distinção entre traços funcionais e Peças de Vocabulário que implementam os traços funcionais;
- (4) admitir regras e ajustes fonológicos pelos quais Peças de Vocabulário adjacentes podem se afetar mutuamente;
- (5) admitir que existem peças vocabulares supletivas para morfemas funcionais, porém considerar preferível propor regras fonológicas de reajuste de raízes a propor peças funcionais supletivas

Pensando assim, queremos formar *venho*, *vindo* e *vir* com uma mesma raiz e diferentes traços de tempo. Pela mesma pauta, queremos ter como aparentar *provenho*, *provindo*, *provir* a *vir*, uma vez que os dois verbos se conjugam da mesma maneira. Queremos derivar o adjetivo *proveniente* do verbo *provir* porque a relação semântica é regular. E também queremos captar o que há de comum entre estas palavras e o conjunto das outras que se relacionam com *vir*, algumas pela morfologia e pela semântica, outras somente pela morfologia.

Um passo na direção destes objetivos é representarmos a forma fonológica da raiz de *vir* como /*ven*/. Para sustentar esta análise, precisamos ter na fonologia as seguintes derivações:

- (i) ven + i + r > veir > viir > vir
- (ii) ven + i + o > venho
- (iii) ven + i + ndo > veindo > viindo > vindo
- (iv) pro + ven + i + ente > pro + ven + i + ente
- (v) pre + ven + t + ivo > pre + ven + t + ivo,

(vi) inter + ven + t + o > inter + ven + t + o

(vii) ad + ven + t + ista > ad + ven + t + ista

Além de conterem a raiz *ven*, as palavras que estão sendo derivadas em (i) a (vii) são portadoras dos seguintes traços morfológicos: /i/ – vogal temática da raiz; /nd/-gerúndio; /-nt-/ e /-iv-/ adjetivadores; /t/- particípio passado (causador do cancelamento da vogal temática da raiz).

Como a relação semântica entre adjetivos em *-nte* e nomes em *-ncia* é muito sistemática, queremos captar essa regularidade desde a estrutura sintática das palavras. Isto se consegue dizendo que o *merge* do traço categorizador adjetivador precede o do traço nominalizador, e que a forma da Peça Vocabular adjetivador é /nt/ e a do nominalizador é /ia/. Para cuidar da alternância de /t/ com /s/, como em *conveniente* e *conveniência*, *proveniente* e *proveniência* teremos de admitir uma regra que faz a consoante oclusiva /t/ tornar-se fricativa no contexto “diante de /y/”, o que dará derivações fonológicas como as seguintes:

(viii) pro + ven+i + ent + **ia** > *proveniência*

(ix) inter + ven+i + ent + **ia** > *interveniência*

(x) des + ad + ven+t+ **ia** > *desavença*

(xi) pre + ven+t + **ione** > *prevenção*

(x) con + ven+t + **ione** > *convenção*

(xi) inter + ven+t + **ione** > *intervenção*

(x) des + ven+t + **ura** > *desventura*

(xi) ad + ven+t + **ura** > *aventura*

A grande variedade de significados que vemos neste conjunto de palavras sem dúvida despertará ceticismo quanto à hipótese de que essa “família diacrônica” seja também uma “família sincrônica” de palavras, psicologicamente real para os falantes de hoje. A MD doma o ceticismo, porque a “arbitrariedade do signo” é negociada sempre no primeiro

Merge do traço categorizador com a Raiz, ou seja, o *merge* mais interno na estrutura da palavra.

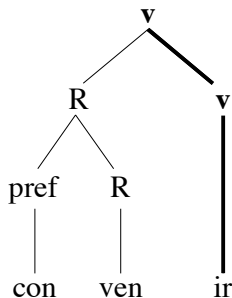


Figura 10 – Convir

Ir é a peça vocabular que implementa o categorizador responsável pela natureza verbal da palavra (vêzinho) e é o marcador do sítio onde se efetua a negociação idiosincrática do significado da palavra **convir**, “vir para junto dos interesses de alguém”.

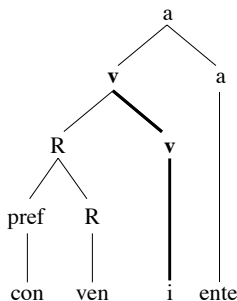
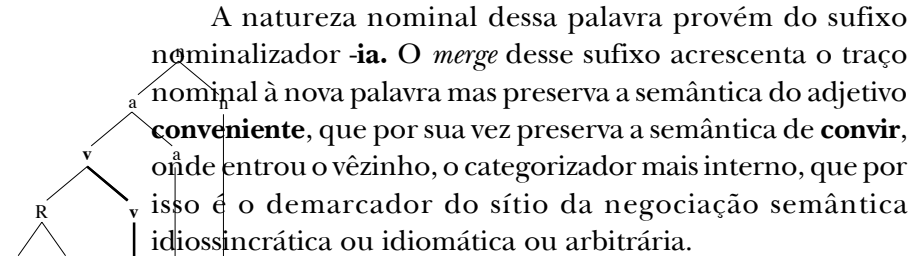


Figura 11 – Conveniente

A natureza adjetiva desta palavra é dada pelo sufixo de participípio presente, o categorizador **-ente**, um adjetivador. Considerando que o significado dessa palavra é “**que convém**”,

vemos que o *merge* do sufixo **-ente** preserva a negociação semântica feita no ciclo do *merge* do vêzinho, e por isso a computação da sua contribuição semântica se dá composicionalmente.

Figura 12 – Conveniência



Resumindo: em **convir**, **conveniente** e **conveniência** a negociação semântica onde se estabelece o significado se dá no ciclo em que é introduzido o vêzinho, o verbalizador juntado à raiz complexa, em **{con + ven}ir**. Daí em diante, todas as mudanças de significado necessárias para obter as leituras de **conveniente** e **conveniência** se dão composicionalmente, ou seja, de maneira regularmente derivada do cálculo semântico anterior mais a contribuição do novo morfema juntado.

Note-se que dentro da expressão “Loja de Conveniência” a palavra “conveniência” não condiz com a leitura usual deste nome, mas é simplesmente um rótulo para todos os bens

de consumo que podem ser adquiridos na loja. Temos aí um empréstimo do uso feito em inglês.

Consideremos agora *advento*, *adventista*, *evento*, *eventual*, *provento* e *aventura*.

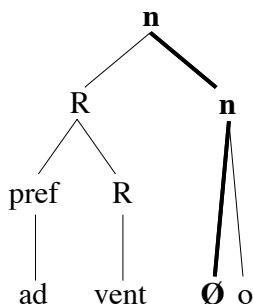


Figura 13 - Advento

Quando entra o nominalizador \emptyset (Zero), com sua vogal temática [o], a leitura “Vinda de um ser mítico” é negociada. Segundo esta análise, o fonema /t/ já não implementa Tempo, mas faz parte da raiz., que já não é *ven-*. O nosso recorte difere, portanto do que faziam em latim. Na palavra latina *adventus*, a raiz composta {ad+ven}. recebia como verbalizador o sufixo zero, depois o /t/ como peça de tempo (o particípio passado) e finalmente o nominalizador zero: Latim: {{{{ad + ven}+ \emptyset }_v + t}_{p passado} + \emptyset us}_n

A negociação semântica de *adventus* em latim tinha lugar no *merge* do vêzinho formador do verbo *advenire*, e *adventus* significava simplesmente “chegada”.

Voltando ao português, estou mantendo na representação na Figura 13 a concatenação do prefixo *ad-* à raiz por considerar que o conjunto de palavras *advento*, *provento*, *evento*, *invento*, *intervento* e *aventura* reúnem suficiente evidência para o processo de juntar prefixo com raiz na formação da

raiz complexa destas palavras. Portanto, na análise destas palavras do português, estou considerando uma parte da identificação de Peças de Vocabulário como diferente do latim (a raiz *vent*) e uma parte igual (o *merge* prefixo+raiz). Teria havido, portanto, nestes casos, na transição do latim para o português, uma reanálise gramatical pela qual a peça vocabular /t/ cessou de ser lida como instanciadora de Tempo e passou a ser tomada como interna a uma nova raiz.

Porém, quanto ao reconhecimento dos prefixos, é preciso deixar claro que este é um ponto em aberto. Nunca devemos esquecer que falar de gramática é falar de aquisição de cognição, algo que ocorre no interior de indivíduos. Assim sendo, é possível admitir que nem todas as pessoas “descubram” todos ou alguns dos prefixos diante da raiz *vent*. Pode ser que na gramática de muitos falantes essas palavras sejam derivadas com raízes de uma peça só, onde são apenas sílabas as partes que eram prefixos para os ancestrais. Isto não lhes causará prejuízo algum de desempenho na compreensão ou na produção lingüística. Somente mediante metodologia psicolingüística poderemos investigar a variação interindividual na identificação de prefixos.

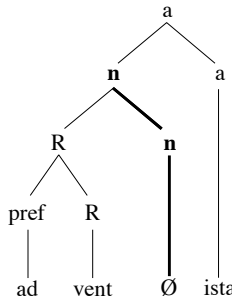


Figura 14 - Adventista

O sufixo **-ista**, adjetivador, é juntado ao nome cujo significado já foi negociado, e nesse ponto se efetua a composição regular que confere à palavra o significado de “pessoa que segue religião que aguarda o advento de um ser mítico”.

Figura 15 - Evento

A raiz complexa **event** – ou simples se o falante não a relaciona com a família *vent* – está nominalizada com nominalizador **zero**. A negociação semântica neste *merge* com sufixo categorizador nominal fornece a leitura “acontecimento”. Este é mais um caso em que a fonte latina desta palavra tem análise diferente da do português, pois em latim se tinha dentro da palavra o verbo, a sede da negociação idiossincrática de significado, e depois os cálculos semânticos regulares do particípio passado seguido de nominalização: {{{[ex][ven]} Ø} _v t} _{p pass} Ø + o} _n

Na palavra *eventual*, o adjetivador **-al** é o primeiro categorizador, e portanto seu *merge* com a raiz é o local da negociação semântica idiossincrática, “*fato que pode acontecer*”. Tal como a que foi dada para *adventus* e *eventus*, era outra a derivação enquanto o *t* foi particípio, pois passava pelo verbo *evenire*, seu particípio *eventu* e o adjetivo *eventualis*, com a idiomatidade negociada no verbo.

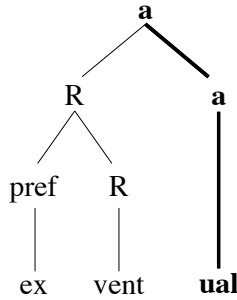


Figura 16 - Eventual

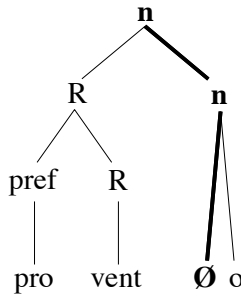


Figura 17 - Provento

Em *provento*, o nominalizador **zero** é o primeiro categorizador, e no seu momento de entrada se negocia o significado “pagamento, pro-labore”. Em latim, a raiz era *pro+ven*, mais vêzinho e sua negociação semântica na enciclopédia, mais o particípio passado implementado por /t/, mais a nominalização.

Em *aventura* (Figura 18), o nominalizador **-ura** é o primeiro categorizador introduzido na estrutura, e marca o ponto da negociação arbitrária “conjunto de acontecimentos emocionantes e imprevisíveis.”

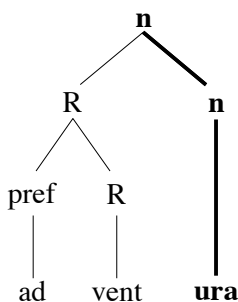


Figura 18 – Aventura

Em latim: raiz complexa verbalizada, negociação em v, e, a seguir, particípio passado, nominalização.

2.2 Família de palavras derivadas de *vertere*

Formas básicas do verbo em latim: **verto, verti, versum**.

Conjunto de palavras da família etimológica:

- verter, verso, versão, versar, versátil, versejar
- inverter, inverso, inversão
- converter, converso, conversão, conversível, conversor
- conversa, conversar, conversação, conversacional
- perverter, perverso, perversão, perversidade
- reverter, reverso, reversão, reversível, irreversível
- adverso, adversário, adversidade, adversativa
- aniversário
- universo, universal, universidade, universitário

Observe-se que a forma **vert** da raiz somente aparece em formas em que há concatenação com vêzinho:

- {vert-er}verto, vertes,..verti, verteste,..vertia, vertias,..verta, vertas,..vertesse, vertesses, ..
- {[in][vert]}er}
- {[con][vert]}er}
- {[per][vert]}er}

- {[re][vert]er}}

Digamos, então, que o traço vêzinho dá o contexto sintático licenciador da raiz **vert**. Uma forma dotada de tempo e concordância terá a seguinte estrutura morfológica:

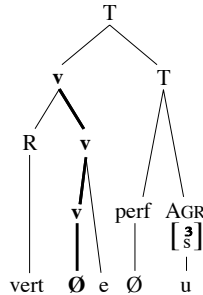


Figura 19 - Verteu

A mudança que aconteceu do latim para o português na família *vert* se assemelha à que vimos na família *ven*: o traço perfectivo se perde no contexto da concatenação com nome quando a peça vocabular que o instanciava em latim passa a ser tomada como uma parte da raiz. Os falantes de latim tinham uma [raiz +verbalizador] *vert* que se podia juntar a um traço perfectivo instanciado por peça vocabular sufixal -s, e esse composto podia ser nominalizado. De maneira geral, a mudança gramatical na diacronia se explica a partir da aquisição de língua pelas crianças. No caso do verbo *vertere*, estamos vendo que ao longo de gerações de crianças adquirindo a língua, a peça vocabular -s acabou vindo a ser percebida como um pedaço da raiz, de forma que onde os ancestrais romanos tinham uma raiz *vert* que se concatenava a um **v** e a um traço de perfectivo implementado pela peça vocabular -s, gerações subseqüentes de aquisidores da língua, em conseqüência de não reconhecerem o /-s/ como peça

vocabular portadora de perfectividade, cindiram a raiz *vert* em duas, *vert* e *vers*, em distribuição complementar por contexto sintático: *vert* em *v*, *vers* nos demais contextos de traços sintáticos. Assim, no português de hoje, devido ao curso da aquisição de língua por sucessivas gerações, temos as duas raízes, *vert* e *vers*, onde nossos ancestrais tinham apenas uma.

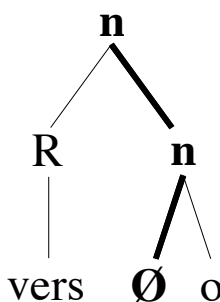


Figura 20 – Verso

A Enciclopédia, em português, deverá ter duas diferentes acepções para esta estrutura: uma correspondente à noção de “face interna de objeto fino”, como em “o verso da toalha,” e outra à de “linha de um poema”.

Esta homonímia não existia em latim, pois nessa língua a estrutura seria conforme a Figura 21:

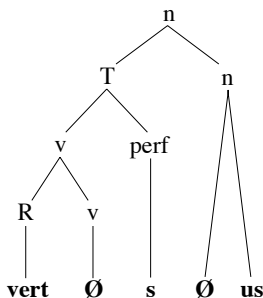


Figura 21 – Lat. *Vert-s-us*

A negociação arbitrária “virar” (Figura 21) acontece em *v.* O *perfectum* e o *n* posteriormente juntados compõem a leitura de “coisa que foi virada,” sem especificar se a coisa virada é um objeto sólido ou linhas em um poema.

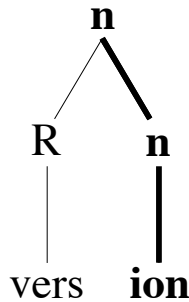
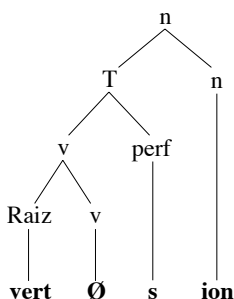


Figura 22 - Versão

A leitura que a negociação da Enciclopédia fornece para esta palavra é algo como “maneira de pôr em foco um fato ou discurso”. Porém, em discurso de cunho médico, as palavras compostas *anteroversão* e *retroversão* se referem à direção de um órgão, virado para a frente ou para trás. O curioso desta leitura contextualizada é que a referência ao direcionamento de um objeto físico está calcada na leitura semântica final das palavras ancestrais em latim. Nesse caso, porém, havia um caminho que se iniciava em *anterovertere* e *retrovertere*, verbos formados a partir de *vertere* em latim. Nessa língua, a palavra *versionem* tem a seguinte composição sintática (Figura 23):

Figura 23 – Lat. *versionem*

Na Figura 23, a negociação semântica que dá “*virar*” acontece em [vert + v]. Os traços perfectivo e o nominalizador se compõem com ela fornecendo em Forma Lógica, de maneira composicional, suas contribuições parciais para o significado do todo, que é “situação de estar voltado para determinada direção”. As palavras *retroversão* e *anteroversão* do português calcam o seu significado a partir do das expressões correspondentes latinas, mas de maneira diferente do latim, pois a leitura em português é atingida via Enciclopédia, na única camada categorizadora da palavra, a nominalizadora das raízes complexas *retrovers* e *anterovers*.

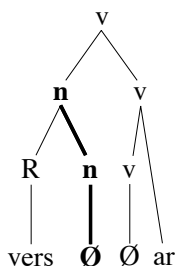


Figura 24 – Versar

Temos aqui a verbalização da raiz *vers* nominalizada como em *verso* em sua leitura enciclopédica de “face interna”. É daí que resultam os usos nos contextos “o texto versa sobre tal assunto” – expor o interior de um assunto – e “ser versado em um assunto” – conhecê-lo em profundidade.

O verbo cognato *versare* em latim significava *voltar-se para*, e sua derivação deveria ter início na raiz *vert*. A derivação precisaria, portanto, ser conforme a Figura 25:

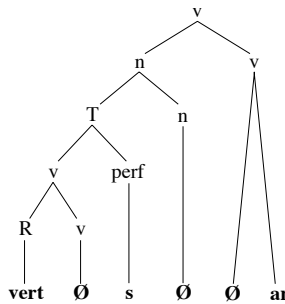


Figura 25 - Lat. *versare*

Nesta derivação, a negociação enciclopédica de verter em v, “virar”, ganhará tempo perfectum (“virado”), depois se nominaliza (“estado de estar virado”) e depois se verbaliza (“ir para estado de estar virado”). Tomemos *versejar* em português e sua estrutura na Figura 26.

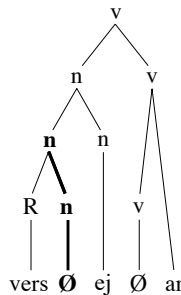


Figura 26 -

Vemos aí uma derivação que começa com a de *verso* dada na Figura 20, incrementada com o sufixo *-ej*, uma peça vocabular com significação de diminutivo (dm), que não altera a categoria nominal. Após o enezinho entra o traço *vêzinho*, que recebe um afixo de fonologia zero, mas lê a marca morfológica da vogal temática /a/ requerida pelo sufixo *-ej*, daí o /a/ sob *vêzinho*. A negociação de Enciclopédia se dá em *n*, e a contribuição composicional do *v* é a noção de *Fazer*. Ou seja, *versejar* significa “fazer versinho”.

Se em latim o ancestral desta palavra já existisse, sua derivação formaria a estrutura apontada na Figura 27:

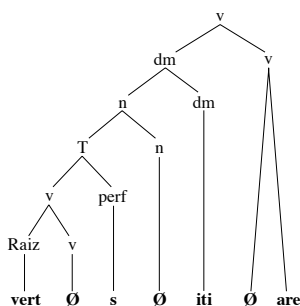


Figura 27 -

Nesta derivação, a negociação da Enciclopédia recai no *vêzinho* interno em que se convencionou o significado “virar”. Os demais traços têm suas contribuições calculadas composicionalmente à medida que entram na derivação:

- “virad” em perfectum,
- “[coisa-[vir-ad]]” em nominalizador,
- “[[[coisa-[vir-ad]]-inha]” em diminutivo,
- “[[[[coisa-[vir-ad]]-inh]-ar]” em *vêzinho*

Na hipótese de causar surpresa, neste exemplo, a longa sucessão de composições regulares depois da primeira idiossincrática, observem que, em português, o verbo

visibilizar tem um grau semelhante de internalidade da primeira negociação semântica. Esta se dá na formação de *ver*, e depois desta há mais três: *visto*, *visível*, *visibilizar*. Note-se que *operacionalizar* tem em *operar* o ponto de Enciclopédia., seguido de mais três recategorizações interpretadas composicionalmente: nome, *operação*; adjetivo, *operacional*; verbo, *operacionalizar*.

O caso de *versátil* se assemelha ao de *versar*. O português tem a primeira negociação da derivação no nome *vers* como na Figura 20, e o latim, um passo antes, em *vertere* verbo, como na Figura 21. Do nome em diante, as derivações nas duas línguas seguem os mesmos passos composicionais: verbo *versar*, *perfectum versat* e adjetivo *versátil*. O diagrama da forma em português está na Figura 28 e a do latim na Figura 29.

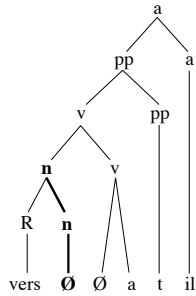


Figura 28 - Versátil

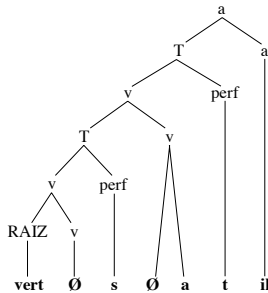


Figura 29 - Lat. *versatil*

Quando dizemos que a derivação de uma palavra em alguma língua se dá deste ou daquele modo, estamos, na verdade, nos servindo de uma abreviatura discursiva. Ao dizermos “a língua portuguesa” referimo-nos ao conjunto de mecanismos e peças vocabulares que a maior parte das pessoas que falam português hoje estão adquirindo. E é isto que as derivações propostas descrevem. Para que as pessoas tenham adquirido esta gramática com este vocabulário é preciso que tenha havido exposição aos dados, ou seja, que as peças vocabulares em contextos apropriados de uso tenham sido parte de sua experiência até mais ou menos os sete anos de idade.

Suponhamos uma pessoa que jamais tenha ouvido a palavra *versátil* até os dezoito anos, e nessa idade veja um anúncio de apartamento com “planta versátil”. Esta teoria admite a possibilidade de alguém compor para si uma análise em que *versátil* é tomado como uma raiz muito longa e um adjetivador zero, com a enciclopédia fornecendo a negociação na introdução deste zero sufixado à raiz, a qual, fonologicamente, constituiria toda a palavra. Esta pessoa teria desempenho lingüístico impecável, com esta longa raiz monomorfêmica. Suponhamos, porém, uma pessoa que conheça as palavras *frágil*, *útil*, *inútil*, *fácil*, *difícil*, *fútil*, *fóssil*, *volátil*, *projétil*. Neste caso, o sufixo adjetivador *-il* estará presente em sua lista de peças vocabulares e será utilizado, e a negociação será feita na concatenação deste adjetivador. Tudo o mais, até o /t/, será raiz. Esta pessoa também terá desempenho perfeito no emprego da palavra *versátil*.

Consideremos um terceiro indivíduo que recebeu na sua experiência lingüística o conjunto de palavras *dito*, *escrito*, *feito*, *visto*, *cordato*, *candidato*, *sensato*, *pacato*, *caricato*, *peculato*, *produto*, *viaduto*, *conduto*. Este indivíduo identificará o /t/ como peça de vocabulário, e portanto identificará *versar*. Supondo que a exposição a dados pertinentes acabe aconte-

cendo na infância a quase todos os indivíduos de uma comunidade, podemos atribuir à quase uniformidade da experiência lingüística associada à uniformidade do mecanismo de aquisição de linguagem o fato de que a mudança gramatical procede lentamente na perspectiva macro, embora proceda por pequenos passos abruptos no nível individual.

Os verbos *perverter*, *converter* e *reverterse* derivam em português de maneira semelhante à derivação do latim, resultando na estrutura morfológica das Figuras 30 e 31:

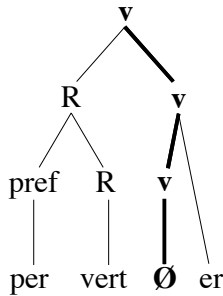


Figura 30 - Perverter

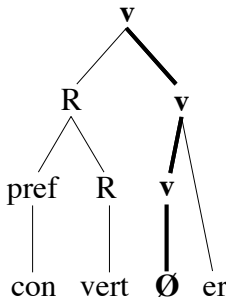
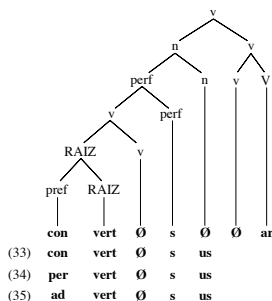


Figura 31 - Converter

Nestas estruturas, os prefixos *con-* e *per-* estão concatenados diretamente à raiz, formando com ela uma raiz complexa, que vai compor um verbo ao ser introduzido o traço

vêzinho na derivação. Esta forma de concatenação de prefixos em verbos não é a única possível, pois o prefixo pode concatenar-se também mais em cima, ou seja, ao verbalizador. Por exemplo, nos verbos *reprogramar*, *reexaminar*, *supervalorizar*, *superproteger*, *desformatar*, *desindexar*, *contra-exemplificar*, *contraindicar*, *contrabalançar*, *desenraizar*, *retroagir* os prefixos se assemelham a advérbios: dão entrada na derivação como adjuntos de vêzinho e são computados semanticamente como modificadores modais.

Como seriam as derivações em latim para as formas contendo /vers-/ concatenadas com os prefixos con-, per- e ad-? De maneira análoga ao que foi mostrado para o verbo *versar* do latim, é necessário que tenha havido um estágio em que *conversar*, *converso*, *perverso* e *adverso* eram derivadas conforme mostrado nas Figuras 32, 33, 34 e 35:



Figuras 32, 33, 34, 35 - Lat. *conversar*

As palavras correspondentes em português têm outra estrutura, já que a peça vocabular de perfectivo foi reanalisada e agora é abarcada pela raiz. É claro que a mudança no reconhecimento e no fatiamento das peças é acompanhada de mudança semântica. Assim, em *conversar*, a noção de “fazer movimento circular”, negociada em latim no *v* formador de *vertere*, o mais interno na Figura 32, se esvaiu com a perda dessa

fatia. Em português, a convenção do significado de *conversar* está acontecendo no ponto que corresponde em latim ao *v* da camada mais externa, que é o primeiro e único em português. Do mesmo modo, *perverso* (lat. *que está às avessas*) e *adverso* (lat. *com a frente voltada para*) mudaram de significado porque, ao se desligarem de *vertere*, mudou o lugar da negociação e, em conseqüência, o seu conteúdo.

Ao contrário destes casos, temos também, nesta família, exemplos opostos: uma mudança no recorte sintático afeta radicalmente o modo de significar das palavras, sem afetar seu uso. Isto é o que temos nas palavras *universo* e *aniversário*. Elas foram sintaticamente geradas com base na gramática em que *vertere* era o verbo, *uno* e *ano* o seu argumento, e o /s/ a peça vocabular inserida em Tempo, conforme indicam os diagramas mostrados nas Figuras 36 e 37.

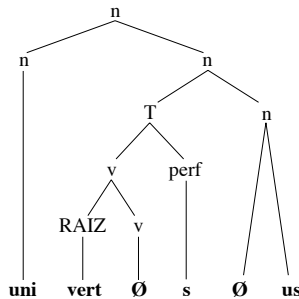


Figura 36 - Lat. *universo*

Expressão composta de dois nomes, *unus* e *versus*, onde *versus* é nominalização do verbo. Há uma negociação para *un+n* e outra para *vert+v*. Notar a morfologia de genitivo em *uni*. O significado do composto é “a virada do um”. Na gramática do português não reconhecemos a morfologia de genitivo em *uni* e não reconhecemos o expoente *s* de Tem-

po em *verso* e portanto a nossa sintaxe da palavra *universo* não pode ser como apontado na Figura 36. Também não podemos, portanto, derivar a leitura dela pelos mesmos passos dos falantes ancestrais.

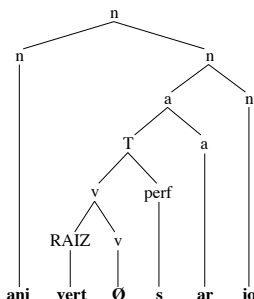


Figura 37 – Lat. *aniversario*

Como em *universo*, temos na Figura 37 um composto de dois nomes, *annus* e *versario*. Esta concatenação dá o significado “virada do ano”, conforme indica a morfologia de genitivo em *ani*.

Uma vez que na gramática dos falantes de português não existe a morfologia em /i/ do caso genitivo para ser reconhecida em *ani*, e não existe o expoente /s/ de tempo para ser reconhecido em *versario*, não é possível proceder à interpretação desta palavra pelos mesmos passos dos falantes ancestrais.

É forçoso, portanto, concluir que, em português, a derivação sintática das palavras *universo* e *aniversário* não contém inserção das peças vocabulares *um* e *ano*, e não contém nem *verter* nem *versar*, mas sim contém uma raiz multifonêmica, porém constituída de uma só peça vocabular como raiz, [*univers*] e [*aniversari*], respectivamente, categorizados por traço nominalizador zero com gênero masculino. A concatenação com o nominalizador zero marca a remessa para a Enciclopédia, onde a convenção de significado de *universo* é

“universo” e a de aniversário é “data em que uma pessoa completa mais um ano de vida”.

Assim, mesmo sem passar por Roma, o caminho levou a um lugar semelhante ao que se chegava em Roma ...

O resultado a que nos levou a observação detalhada de duas famílias etimológicas de palavras do português é que, entre palavras do latim e palavras do português, o paralelismo derivacional fica preservado em parte dos casos, mas em outros casos ele se perde por acontecerem reinterpretações de peças vocabulares. Nestes casos, a semelhança fonológica entre as palavras diacronicamente ligadas pode ser enganadora, e não corresponder ao fatiamento e categorização das peças nos dois estágios. Vimos também que quando há reanálise corresponde distanciamento semântico, porém pode acontecer também uma réplica da leitura semântica antiga feita diretamente pela enciclopédia. Num modelo que reparte as tarefas da gramática como o faz a MD, estas possibilidades são precisamente o que a teoria prevê que poderia acontecer na mudança sintática.

Syntactic change as segmentation change

Abstract – How do word etymology and internal word syntax correspond? Tree diagrams of Portuguese words and their Latin original words are made, selecting roots VEN and VERT. Assuming the Distributed Morphology guidelines, we discovered that in many cases there are different morpheme segmentations in the ancestor words and the daughter language words. This resegmentation opens the way to a single root splitting into two. Usually, after the split, there is semantic change, but another possibility is that the new word replicates the meaning of the parent word through negotiating it in the Encyclopaedia. This finding corresponds to the theoretical expectations.

Key words – Distributed Morphology. Saussurean arbitrariness. Logical Form’s compositional meaning. Ressegmentation.

Referências bibliográficas

EMBICK, D.; MARANTZ, A. Cognitive neuroscience and the English past tense: comments on the paper by Ullman et al. *Brain and Language*, v. 93, p. 243-247, 2005.

HALLE, M.; MARANTZ, A. Distributed morphology and the pieces of inflection. In: HALE, K; KEYSER, S. (Eds.) *The view from Building 20. Essays in linguistics in honor of Sylvain Bromberger*. Cambridge, MA: MIT Press, 1993, p. 111-176.

MARANTZ, A. No Escape from Syntax: Don't Try Morphological Analysis in the Privacy of Your Own Lexicon. In: DIMITRIADIS, A.; SIEGEL, L.; SUREK-CLARK, C.; WILLIAMS, A. (Eds.) *Proceedings of the 21st Annual Penn Linguistic Colloquium*. Philadelphia: Penn Linguistics Club, 1997. (U Penn Working Papers in Linguistics, v. 4, n. 2, p. 201-225).

_____. *Morphology as Syntax: Paradigms and the Ineffable, the Incomprehensible and the Unconstructable*, handout. 1999.

_____. *Words*. Mns. MIT, 2001.

Recebido e aprovado para publicação em junho de 2005.